

AMÓS OZ

Judas

Tradução do hebraico e glossário
Paulo Geiger



Copyright © 2014 by Amós Oz
Todos os direitos reservados.

*Grafiá atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original
Habssorá al pi Iehudá Ish Keraiot

Capa
Kiko Farkas/ Máquina Estúdio

Foto de capa
The kiss, 1907 © Brancusi, Constantin/ Licenciado por AUTVIS, Brasil, 2014.
Cortesia do Gabinete de Constantin Brancusi do Museu de Arte de Craiova,
Romênia.

Preparação
Leny Cordeiro

Revisão
Jane Pessoa
Luciane Helena Gomide

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Oz, Amós
Judas / Amós Oz ; tradução do hebraico Paulo Geiger.
— 1^ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2014.

ISBN 978-85-359-2507-4

1. Romance israelense 1. Título.

14-10437

CDD-892.436

Índice para catálogo sistemático:
1. Romances : Literatura israelense 892.436

[2014]
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
Fax: (11) 3707-3501
www.companhiadasletras.com.br
blogdacompanhia.com.br

1.

Eis aí uma história dos dias de inverno no final de 1959 e início de 1960. Nesta história há erro e desejo, há amor frustrado e certa questão religiosa que ficou aqui sem resposta. Em alguns prédios ainda se reconhecem os sinais da guerra que há dez anos dividiu a cidade. Ao fundo dá para ouvir o toque distante de um acordeão ou os sons nostálgicos de uma gaita ao entardecer, por trás de uma persiana cerrada.

Em muitas residências de Jerusalém é possível ver na parede da sala de estar o redemoinho de estrelas de Van Gogh ou a ardência de seus ciprestes, e nos pequenos quartos ainda estão estendidas esteiras de palha, e um exemplar de *Iemei Tziklag* ou de *Doutor Jivago* virado e aberto na beirada de um colchão de espuma coberto com um pedaço de tecido de motivo oriental e um monte de almofadas bordadas. Durante a noite inteira um aquecedor a querosene arde com uma chama azul. De dentro de um cartucho de obus no canto da sala cresce uma espécie de ramalhete estilizado feito de ramos de espinheiro.

No início de dezembro Shmuel Asch interrompeu seus es-

tudos na universidade e pretendia ir embora de Jerusalém, por causa de um amor frustrado, devido a uma pesquisa que empacou e principalmente porque a situação econômica de seu pai despencara e Shmuel se via obrigado a procurar algum trabalho.

Era um rapaz corpulento, barbado, vinte e cinco anos mais ou menos, tímido, sensível, socialista, asmático, com tendência a se entusiasmar facilmente e se decepcionar logo em seguida. Tinha ombros pesados, um pescoço curto e grosso, assim como a mão, e também os dedos: grossos e curtos como se em cada um deles faltasse uma falange. De cada poro do rosto e do pescoço de Shmuel Asch irrompia sem freio um fio de barba encaracolado que lembrava lã de aço. Essa barba se estendia e se juntava ao cabelo, que era todo cacheado, e com o emaranhado de pelos do peito. De longe parecia sempre, fosse no verão ou no inverno, que ele estava todo afogueado e banhado em suor. Mas de perto, com agradável surpresa, se notava que a pele de Shmuel não exalava a acidez do suor, mas simplesmente um delicado aroma de talco de bebê. Ele num instante se embriagava com novas ideias, contanto que essas ideias viessem muito bem formuladas e implicassem numa mudança radical. Mas da mesma forma tendia a se cansar depressa, talvez por causa de um coração dilatado e também porque sofria de asma.

Com grande facilidade seus olhos se enchiam de lágrimas, e isso lhe causava constrangimento e até vergonha: ao pé de uma cerca um filhote de gato berra numa noite de inverno, talvez tenha se perdido da mãe, e esse filhote ergue para Shmuel um olhar de cortar o coração e se esfrega suavemente em sua perna, e logo os olhos de Shmuel se turvam. Ou ao final de algum filme bem mediano sobre solidão e desespero no Cinema Edison de repente se descobre que o personagem mais durão de todos é capaz, afinal de contas, de revelar a grandeza de sua alma, e logo lhe vêm as lágrimas e elas começam a sufocar-lhe a garganta. Ao avistar

na saída do Hospital Shaarei Tsedek uma mulher magra e um menino, que lhe são totalmente estranhos, parados e abraçados, ambos chorando — na mesma hora lhe vem o choro e também o arrebata.

Naquela época era comum considerar o choro uma coisa de mulher. Um homem banhado em lágrimas provocava retraimento, e até uma leve repulsa, mais ou menos como uma mulher com uma barbicha crescendo no queixo. Shmuel sentia muita vergonha dessa sua fraqueza e se esforçava muito por superá-la, mas sem conseguir. No íntimo, ele mesmo aderia às zombarias suscitadas por sua sensibilidade, e até se resignava com o pensamento de que sua masculinidade estava um pouco prejudicada e por isso era bastante provável que sua vida fosse passar em branco e sem atingir qualquer objetivo.

Mas o que faz você, perguntava-se às vezes em sua autorrejeição, o que na verdade você faz além de sentir pena? Pois aquele gato, por exemplo, você poderia ter aconchegado no casaco e levado para o seu quarto. Quem o impediu? E você poderia simplesmente ter ido até a mulher chorosa e o menino, e ter perguntado a eles como poderia, quem sabe, ajudá-los. Ou fazer o garoto sentar na varanda com algum livro e com biscoitos, enquanto você e a mulher sentam-se um junto ao outro na cama, no quarto, e aos sussurros esclarecem o que tinha acontecido a ela e o que você poderia tentar fazer?

Alguns dias antes de abandonar você, Iardena lhe disse: Você, ou é uma espécie de cachorrinho todo animado, fazendo barulho, correndo, se esfregando, e até mesmo quando está sentado numa cadeira de certa forma fica rodando o tempo todo em torno de seu rabo, ou ao contrário, passa dias inteiros enfiado na cama como um cobertor que fica lá o inverno todo sem ser arejado.

Com isso Iardena se referia, por um lado, ao eterno cansa-

ço de Shmuel, e por outro a algum componente de insanidade, perceptível em seu modo de andar, no qual sempre se escondia uma corrida reprimida: devorava degraus impetuosamente, de dois em dois. Atravessava ruas movimentadas na diagonal, com muita pressa, e muito risco, sem olhar à direita ou à esquerda, como quem se atira numa briga, a cabeça com sua barba encaracolada se jogando com força à frente, pronta para a batalha, o corpo inclinado para a frente, e sempre parecendo que suas pernas perseguiam com todas as forças o corpo que perseguia a cabeça, como se as pernas tivessem medo de se atrasar caso Shmuel desaparecesse de sua vista depois de dobrar uma esquina, deixando-as para trás. Corria o dia inteiro, ofegando, febril, não porque temesse atrasar-se para a aula ou para um encontro político, mas porque a qualquer momento, pela manhã ou à noite, estava sempre querendo terminar de uma vez o que tinha de fazer, apagar tudo o que tinha anotado em sua lista diária de tarefas. E finalmente voltar para a tranquilidade de seu quarto. Cada dia de sua vida lhe parecia uma cansativa corrida de obstáculos pelo caminho no qual circulava desde o momento em que era arrancado do sono, de manhã, até voltar para debaixo do cobertor de inverno.

Gostava muito de discursar para quem o ouvisse, e sobretudo para os colegas do grupo de estudos sobre a renovação socialista: gostava de explicar, fundamentar, divergir, refutar e propor algo novo. Discorria longamente, com prazer, com agudeza e com ímpeto. Mas quando lhe respondiam, quando chegava sua vez de ouvir as ideias alheias, Shmuel era logo atacado de impaciência, perda de atenção e cansaço a ponto de fechar os olhos e deixar pender a cabeça desgrenhada para o peito estofado.

Também gostava de proferir para Iardena todo tipo de discurso veemente, demolir preconceitos e abalar convenções, tirar conclusões de uma hipótese e formular uma hipótese a partir de

uma conclusão. Mas, quando era ela que lhe falava, suas pálpebras costumavam baixar em dois ou três minutos. Ela o acusava de nem sequer a ouvir, ele negava, ela pedia que ele repetisse o que havia dito ainda agora, e ele mudava de assunto e lhe falava do erro que Ben Gurion estava cometendo. Ele era bondoso, generoso, cheio de boa vontade e suave e macio como uma luva de lã, sempre disposto a tudo para ser útil a todos, mas também confuso e impaciente, esquecia onde exatamente tinha pendurado a outra meia ou o que o senhorio estava querendo dele ou a quem tinha emprestado o caderno com as anotações das palestras. Mesmo assim, nunca se confundia ao levantar para citar com toda a exatidão o que Kropótkin tinha dito sobre Nécháiev após o primeiro encontro entre os dois e o que disse sobre ele dois anos depois. Ou quem, dos apóstolos de Jesus, era o que falava menos entre todos os outros apóstolos.

Apesar de gostar de seu espírito vivaz, de seu desamparo, do que parecia a ela ser uma qualidade de cão amigável, esfuziante e exuberante, um grande cão que sempre se aperta contra nós para se esfregar e babar em nossos joelhos, Iardena decidiu separar-se dele e aceitar o pedido de casamento feito pelo namorado anterior, um hidrologista aplicado e calado chamado Nesher Sharshavsky, especialista em captação e acumulação de água de chuva, que quase sempre sabia adivinhar exatamente qual seria o próximo desejo dela. Nesher Sharshavsky comprou para ela uma bela echarpe como presente de aniversário, segundo a data do calendário universal, e depois uma esteira ao estilo oriental, verde, de acordo com a data do calendário hebraico, que caiu dois dias depois. Ele se lembrava até mesmo dos aniversários dos pais dela.

2.

Cerca de três semanas antes do casamento de Iardena, Shmuel perdeu de vez toda esperança em relação a seu trabalho de pós-graduação, “Jesus na visão dos judeus”, trabalho que no início abordara com enorme entusiasmo, eletrizado com o vigor do ousado insight que lampejara em sua mente ao escolher o tema. Mas, quando começou a pesquisar detalhes e sulcar as fontes, descobriu rápida e facilmente que em sua brilhante ideia não havia de fato nada de novo, já fora publicada antes de ele ter nascido, no início da década de 30, numa nota de rodapé num pequeno artigo escrito por seu eminente professor, o professor Gustav Iom-Tov Eisenshalom.

Além disso, irrompera uma crise no grupo de estudos sobre a renovação socialista: o grupo se reunia toda quarta-feira às oito da noite num café encardido de teto baixo em uma das ruelas de um bairro operário. Artesãos, bombeiros, eletricistas, pintores e gráficos às vezes se reuniam aqui para jogar gamão, e por isso o grupo achava que o lugar era mais ou menos proletário. Verdade que os estucadores e os consertadores de rádios não se juntavam à

mesa do grupo, mas eventualmente um deles fazia uma pergunta ou observação a duas mesas de distância, ou também ao contrário, um dos membros do grupo se levantava e ia sem medo até uma mesa onde se jogava gamão para pedir à classe obreira fogo para seu cigarro.

Após prolongadas indecisões quase todos os membros do grupo aceitaram as revelações do Vigésimo Congresso do Partido Comunista Soviético sobre o tenebroso regime de Stálin, mas havia um grupinho resoluto a exigir dos companheiros que se reexaminasse não só a adesão a Stálin, mas também nossa relação com a própria ideia da ditadura do proletariado, como formulada por Lênin. Dois dos companheiros foram ainda mais longe, e chegaram a usar ideias do jovem Marx como um desafio às teorias blindadas em aço do Marx adulto. Quando Shmuel Asch tentou atenuar aquela erosão, quatro entre os seis membros do grupo declararam uma cisão e a formação de uma nova célula. Entre os quatro dissidentes também estavam as duas mulheres do grupo, sem as quais não valeria mais a pena frequentá-lo.

Nesse mesmo mês o pai de Shmuel perdeu a causa no julgamento de sua apelação, depois de ter lutado anos em algumas instâncias contra o antigo sócio na pequena empresa de Haifa (Shachaf Ltda., desenho, mapeamento e fotografia aérea). Os pais de Shmuel foram obrigados a cortar a mesada que o sustentava desde que começara a estudar. Ele, então, desceu para o pátio e procurou e encontrou ao fundo do quartinho das latas de lixo três ou quatro caixas de papelão usadas, levou-as para seu quarto alugado no bairro de Tel Arza, e todo dia enfiava nelas desordenadamente mais alguns livros e roupas e pertences. Mas ainda não tinha a menor ideia de para onde, afinal, poderia ir ao sair daqui.

Durante algumas noites Shmuel perambulou pelas ruas batidas pela chuva, como um urso entontecido e irritado por ter sido

despertado de seu sono hibernal. Com seus passos sempre no limite de uma corrida pesada, percorreu as ruas do centro da cidade, quase desertas devido ao frio e ao vento. Algumas vezes ficava parado na chuva depois de escurecer, em uma das ruelas do bairro de Nachlat Shiv'a, olhando para o portão de ferro do prédio no qual Iardena não morava mais. Às vezes suas pernas o levavam por engano a distantes bairros que não conhecia, castigados pelo inverno, a Nachlaot, a Beit Israel, a Achava ou a Musrara, pisando em poças, contornando latas de lixo derrubadas pelo vento. Duas ou três vezes quase bateu com a cabeça desgrenhada e atirada com força para a frente, como se cabeceasse, no muro de cimento que separava a Jerusalém israelense da Jerusalém jordaniana.

Ele se detinha para olhar, distraído, as placas entortadas que o advertiam lá dentro dos rolos de arame farpado enferrujados: Pare! Aqui é a fronteira! Cuidado, minas! Perigo — terra de ninguém! E também: Olhe, você foi avisado — está prestes a atravessar um trecho visível aos atiradores do inimigo! Shmuel ficava indeciso diante dessas placas, como se tivessem posto diante dele um cardápio variado de onde ele poderia escolher o que preferisse.

Quase toda noite ele vagueava assim, molhado de chuva até os ossos, a barba hirsuta pingando água, tremendo de frio e desespero, até finalmente se arrastar cansado e exausto de volta a sua cama e nela ficar encolhido até o anoitecer do dia seguinte: cansava-se com facilidade, talvez por causa de seu coração dilatado. E ao cair do crepúsculo tornava a se levantar, a se envolver em suas roupas e seu casaco que não tinham secado desde as perambulações da noite anterior, e de novo as pernas o levavam aos extremos da cidade, até Talpiot, até Arnona. Só quando deparava com a cancela no portão do kibutz Ramat Rachel e uma sentinela desconfiada jogava sobre ele a luz de sua lanterna, ele

se dava conta, dava meia-volta e voltava para casa em passos nervosos, urgentes, que pareciam os de uma fuga desordenada. Ao chegar comia apressadamente duas fatias de pão e *lebenia*, despiava as roupas molhadas e novamente se entocava e se enterrava no cobertor e por muito tempo tentava em vão se aquecer. Por fim, adormecia e dormia até o anoitecer seguinte.

Uma vez sonhou com um encontro com Stálin. O encontro teve lugar num quarto de teto baixo no fundo do café encardido do grupo de estudos sobre a renovação socialista. Stálin encarregara o professor Gustav Eisenshalom de resgatar o pai de Shmuel de todos os seus problemas e suas perdas, enquanto Shmuel, por algum motivo, mostrava a Stálin, de longe, de um ponto de observação no telhado do mosteiro da Dormición no alto do monte Sion, o trecho do Muro das Lamentações que ficara aprisionado além-fronteira, na parte jordaniana de Jerusalém. Não conseguiu de maneira alguma explicar a um Stálin que ria zombeteiro embaixo de seu bigode por que os judeus tinham rejeitado Jesus e por que ainda mantêm sua oposição e teimam em lhe voltar as costas. Stálin chamou Shmuel de Judas. Ao final desse sonho tremeluziu por um instante também a figura magra de Nesher Sharshavsky, que deu a Stálin um cãozinho que gania dentro de uma lata. Por causa desses ganidos Shmuel despertou com a sombria sensação de que suas sinuosas explicações tinham piorado ainda mais a situação, por terem despertado em Stálin desprezo e também suspeita.

O vento e a chuva fustigavam a janela de seu quarto. De madrugada, quando a tempestade ficou mais forte, a bacia de lavar roupa feita de lata que estava pendurada lá fora na grade da sacada começou a chocar-se com batidas ocas contra o parapeito. Dois cães distantes de sua casa e talvez distantes um do outro

não pararam de latir a noite inteira, latidos que aumentavam e diminuíam até que se transformaram em uivos.

Cogitava, pois, ir embora de Jerusalém para achar um trabalho não muito difícil em um lugar distante, talvez como guarda-noturno nas montanhas de Ramon, entre as quais, assim tinha ouvido dizer, está sendo construída uma nova cidade no deserto. Mas enquanto isso recebeu o convite para o casamento de Iardena: tudo indicava que ela e Nesher Sharshavsky, seu obediente hidrologista, especialista em captar e acumular água da chuva, estavam com muita pressa de se postarem sob o pálio nupcial. Não conseguiram se conter e esperar pelo menos que o inverno acabasse. Shmuel resolveu que ia surpreendê-los, surpreender todo mundo, e aceitar esse convite: eis que, contrariamente a todas as convenções, ele ia aparecer lá de repente, rindo, falando alto, distribuindo sorrisos e tapinhas nas costas, um penetrar irrompendo no meio de uma cerimônia de casamento à qual só deveria comparecer um pequeno núcleo restrito de familiares e amigos muito íntimos, e depois iria se juntar com entusiasmo à festa após a cerimônia, e até participar da comemoração e dar sua contribuição ao programa artístico com seu número de magníficas imitações da pronúncia e dos trejeitos do professor Eisenshalom.

Mas na manhã do dia do casamento de Iardena, Shmuel sufocava num acesso grave de asma, e se arrastou até o ambulatório, onde tentaram, em vão, ajudá-lo com um nebulizador e diversos medicamentos antialérgicos. Como ele piorou, levaram-no do ambulatório para o Hospital Bikur Cholim.

No momento em que se realizavam a *chupá* e o casamento de Iardena, Shmuel passou na sala de triagem. Depois, durante toda a noite das bodas, não deixou nem por um momento de respirar dentro de uma máscara de oxigênio. No dia seguinte decidiu deixar Jerusalém sem mais delongas.